



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O SUJEITO MULHER: UMA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA BELEZA

Talita Souza Figueredo*
(UESB)

Nilton Milanez**
(UESB)

RESUMO

Este trabalho demonstra parte dos resultados obtidos na dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade. E tem por objetivo analisar como o corpo é responsável pela constituição de saber acerca de um sujeito, no caso, o sujeito mulher do século XIX. Verificamos que a construção do lugar de sujeito mulher no século XIX é norteadada pela relação entre virtude e beleza física, que é dada a ver na descrição do corpo. Valeremo-nos dos pressupostos teóricos da análise de discurso de linha francesa.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Sujeito mulher. Beleza.

INTRODUÇÃO

Principiemos este trabalho, por demonstrar em resumo duas noções básicas que norteiam nossas análises. As duas noções foram formuladas pelo filósofo francês Michel Foucault. A primeira noção é a de função enunciativa e a segunda é a de sujeito. Temos, ainda, que salientar que tomamos essas noções dentro do quadro de trabalhos da análise de discurso, doravante AD.

*Mestre em Memória pelo programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: jenny_wdj@hotmail.com.

** Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade e Programa de Pós-Graduação em Linguística. Coordenador do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo/UESB, no qual desenvolve o Projeto de Pesquisa Materialidades do corpo e do horror e o Projeto de Extensão Análise do discurso: discurso fílmico, corpo e horror. E-mail: nilton.milanez@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Em a *Arqueologia do saber*, Foucault descreve o que para ele são condições de existência pra uma função enunciativa, ou seja, o que é necessário para que haja um enunciado. Ele descreve cinco condições para que uma sequência possa ser considerada um enunciado, a saber: a duplicação, possibilidade de reaparecimento do enunciado; uma posição de sujeito que enuncie, posição, neutra sem relação com o tempo ou o espaço, podendo ser ocupada por qualquer indivíduo; um campo associado de memória, o qual faz com que a cada reaparecimento do enunciado uma rede de formulações que estão presas a um emaranhado de memórias; uma existência material, a materialidade que revele a memória a que ele se associa. A quarta condição leva à quinta, pois, se entendemos que a materialidade cristaliza uma formulação que se associa a outra numa rede de memória, é, portanto, esperado que esse enunciado possa ser repetido, e o que torna esse enunciado repetível é a sua materialidade, chamada de materialidade repetível.

Desse modo, o mesmo elemento (a materialidade) que evidencia que as formulações possuem um mesmo sujeito também mostra como essas formulações estão construídas dentro de uma rede de memória que ora se repete e, em alguns pontos, se dispersa. Essas são as condições apresentadas por Foucault para que um enunciado possa existir, sabendo que todo enunciado precisa de um sujeito, é preciso saber o que o filósofo francês entende por sujeito.

Foucault (1995) em seu texto *O Sujeito e o poder*, afirma que o objetivo de seu trabalho não é estudar o poder, ou a loucura, ou a medicina, ou a sexualidade; seu objetivo consiste em investigar os diferentes modos em relação a cada tipo de objetivação e como os seres humanos se tornam sujeitos. Para ele, o estudo do sujeito passa por três domínios: o domínio sobre as coisas, o domínio das relações sobre o outro e o domínio das relações consigo mesmo. Esses três eixos são relacionados e um implica no outro. Assim ele coloca:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Mas trata-se de três eixos dos quais é preciso analisar a especificidade e o intrincamento: o eixo do saber, o eixo do poder e o eixo da ética. Em outros termos, a ontologia histórica de nós mesmos deve responder a uma série aberta de questões: ela se relaciona com um número não definido de pesquisas que é possível multiplicar e precisar tanto quanto se queira : mas elas responderão todas à seguinte sistematização: como nos constituímos como sujeitos de nossos saber, como nos constituímos como sujeitos que exercem ou sofrem as relações de poder, como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações. (FOUCAULT, 2008, p. 350)

O autor postula que o sujeito não pré-existe como uma essência de uma época, ele é histórico, mas no sentido de que o sujeito é produto da história que o permeia. O sujeito não determina a história, é a história que determina o sujeito. Salientamos que a noção de sujeito de Foucault se enquadra na proposta de abordagem histórica feita por ele e anteriormente exposta, sendo que, uma vez que se quebra a ideia teleológica de história, quebra-se também a ideia de sujeito consciente. Assim, no lugar da história como sequência de fatos se coloca a história das rupturas; no lugar do sujeito consciente, coloca-se um sujeito descentrado efeito dos acontecimentos e não causa desses, uma vez que, como Foucault afirma um acontecimento só é acontecimento porque não tem causa que o explique ou o justifique.

Pelo exposto, verificamos que o sujeito, para Foucault, é uma posição que independe o sujeito empírico, é constituído por relação de poder e saber que envolve diferentes verdades. Cada época tem uma verdade que lhe perpassa e, portanto produz posições de sujeitos diferentes. Eles se constituem quando da tomada dos discursos e são marcados por meio de práticas de subjetivação, produzindo diferentes verdades. Para investigarmos esse sujeito foucaultiano, é preciso, como coloca Milanez, olhar para ele:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Sabendo, portanto, que o que somos se compõe não somente de uma unidade, mas de várias e diversas camadas de empreendimentos coletivos e personalizados, entendemos que o livro que lemos, a oração que fazemos, o médico com o qual nos consultamos, dizem tanto de nós quanto as conversas que temos, os beijos que trocamos, os filmes que vemos. Somos, então, sujeitos: produto de um entrelaçamento de várias identidades que se reinventam por meio de saberes e relações de poder. Por isso, nosso corpo de sujeito está sempre incompleto, buscando algo que nos falta, exterior a nós. (MILANEZ, 2009. P. 282).

Outra base que tomamos para esse estudo é a investigação feita por Foucault a respeito da sexualidade enquanto discurso, podemos notar que a mulher enquanto sujeito de desejo, dentro desse arquivo descrito pelo francês, e que vemos retomado em nosso corpus, só se realiza dentro do casamento. Para a mulher, o sexo só é autorizado dentro do matrimônio, mas o sexo é autorizado à mulher somente como forma de garantir a reprodução. O prazer sexual só é destinado aos homens. “(...) o casamento só encontraria a relação sexual em sua função reprodutora, enquanto que a relação sexual não colocaria a questão do prazer a não ser fora do casamento” (FOUCAULT, 1984, p.130). Desse modo, o casamento é colocado como uma forma legal de se produzir descendentes. Fixando mais ainda a sexualidade feminina e sua ligação com o casamento como condição para que a mulher seja um sujeito, Foucault coloca que na Grécia o status de cada parte envolvida no matrimônio, o esposo e esposa eram bem definidos, assim, baseados em tratados do período helenístico, ele diz:

O status familiar e cívico da mulher casada lhe impõe as regras de uma conduta que é de uma prática sexual estritamente conjugal. Não é que a virtude seja inútil às mulheres, longe disso; mas sua *sōphrosune* tem por função garantir que eles saberão respeitar, por vontade e razão, as regras que lhes são impostas. (FOUCAULT, 1984, p. 131)

Como Foucault coloca na citação acima, a mulher é ser feito para obedecer às regras, tanto que na Grécia havia leis que puniam o adultério, com a expulsão da



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mulher da vida em sociedade, essas leis serviam para que mulher, não sendo considerada como um de entendimento maior, temesse cometer o erro, em alguma medida, pensamos que o discurso do horror tem a função que tinha as leis fazer com o que o sujeito tema o erro, por isso, ele põe a vista o sujeito transgressor que recebe uma punição exemplar. O sentido moral do discurso do horror para os sujeitos é mostrar lhes que o desvio do padrão causa males irremediáveis que acaba por destruí-los enquanto sujeito.

A questão da beleza física marca uma diferença para a construção da mulher enquanto esposa para o século XIX, o qual nós investigamos, e a mulher da Grécia antiga tomada por Foucault. O filósofo francês coloca que na Grécia a beleza não era um requisito exigido para as mulheres se tornarem esposas, por isso não há descrição do como seria essa beleza. Isso se justifica pelo fato de que o prazer sexual ser totalmente excluído do casamento, havendo somente o sexo como forma de reprodução. Esse é um primeiro deslocamento de sentido provocado na posição da mulher enquanto esposa, que é estabelecido pelo jogo de saberes de diferentes instituições de saber. Como o próprio Foucault (1984), (1986) coloca, não há exigência para os tratados filosóficos de que o homem seja fiel a sua esposa, se ele o faz é só como forma de desenvolver sua virtude e demonstrar um melhor domínio de si, subjugando ainda mais sua esposa. O homem pode até ter outras mulheres, só não pode colocar outra no mesmo patamar da esposa. Mas, sendo ele capaz de controlar seus desejos e mantendo relações somente com sua esposa, ele demonstrará mais capacidade de controle estando mais apto a governar a cidade.

Entretanto, Foucault aponta que a exigência da fidelidade recíproca, que antes era uma escolha prudente do homem para alcançar virtude. Passa a ser uma obrigação dentro da moral judaico-cristã que se instaura como uma instituição de saber no ocidente a partir do início da idade média, com supremacia da igreja católica no ocidente. Pensamos, então, que esse saber constituído pela religião de que o homem e a mulher devem ser igualmente fiéis, que possibilita a emergência



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

do enunciado da beleza como marca da esposa. Com a interdição do sexo fora do casamento para o homem pela moral cristã a única forma do homem ter prazer com o sexo é autorizar esse prazer dentro do matrimônio.

Assim, a mulher que antes só precisava ser jovem demonstrando sua capacidade de reproduzir, teve que ser investida de um corpo belo, que pudesse dar prazer ao seu esposo. Desse modo, vemos que a construção da subjetividade da mulher no XIX, é marcado por uma relação entre os saberes filosóficos advindos dos gregos e dos saberes religiosos. A mulher continua tendo por função ser esposa, mas nela agora também está o objeto de desejo do homem. O lugar da mulher enquanto esposa é construído por verdades que colocam em jogo diferentes instituições que gerem o controle sobre os sujeitos para que haja o bom funcionamento da sociedade, saberes que se constituíram em arquivos e que conjugam práticas de todos os campos que investem a existência humana.

As descrições que, aqui, serão analisadas fazem parte de três contos: O esqueleto de Álvares de Azevedo; A causa secreta, Machado de Assis e Noite na Taverna de Álvares de Azevedo. Nas descrições das personagens, cujas belezas são exemplo do padrão da época há um encadeamento de características físicas que começa pela descrição da idade, elas são jovens, recém-saída da infância, apontando o primeiro requisito da beleza, ser jovem a ponto de ainda gozar da inocência da infância. Entretanto, já ter aspecto de mulher. Como podemos ver nas formulações seguintes: “Branca teria quando muito 16 anos. Era já uma deliciosa mulher”; “tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove”; “seus beijos de criança de quinze anos”. Na sequência veremos enumeradas características que somam para construção da figura da *deliciosa mulher*, ou seja, do padrão de beleza desejável na referida época, “esbelta, talhe gracioso de palmeira, seios tufados provocadoramente e grandes olhos azuis”; “Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos”; “Laura. Era uma moca pálida, de cabelos castanhos e olhos azulados” esses elementos estão ligados ao corpo da mulher que deve ser, portanto, magro,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

para a moral porque demonstram a pureza da mulher. Que é dada a ver principalmente nos quesitos idade e pele, centrando a construção desse sujeito mulher bela no corpo, uma vez que, esse sujeito é dado a ver por meio de traços que compõem seu corpo de sujeito. Como corpo tomamos, mais uma vez, os pressupostos de Milanez (2011b) no que ele define como corpo discursivo:

O corpo como discurso, portanto, é tomado como irrupção de um acontecimento e, em especial, podemos examiná-lo da forma como ele se redistribui em nossa sociedade e história, tomando como método a investigação das marcas do passado que podemos no corpo encontrar, observando os tipos de hierarquias que ali se estabelecem e as redes de encadeamento que o corpo propõe. (MILANEZ, 2011b, no prelo).

Nesse sentido, entendemos que o encadeamento das características físicas que compõem a descrição da beleza da mulher nos contos constroem uma regularidade, ou seja, se repete em vários lugares, como podemos exemplificar em contos de diferentes autores. De modo que percebemos a emergência de um discurso sobre a beleza que vigorava na época. Assim, entramos em consonância com o proposto por Milanez a cerca do corpo, uma vez que, o referido discurso da beleza feminina é dado a ver na nossa materialidade por formulações que centram a composição da beleza em elementos ligados ao corpo, assim, confirmando o que o autor diz quando fala que o corpo enquanto discurso revela traços do passado, é pelo encadeamento desses traços deixados pelo corpo que podemos ver revelado o discurso da beleza do século XIX, no qual ser bela é ser virtuosa. Sendo que a maior virtude que a mulher pode ter é ser virgem.

Retomando o que Foucault (2000) propõe acerca do enunciado, sabemos que a repetição é uma condição de existência do mesmo, notamos a repetição por meio das regularidades, por isso, podemos dizer que as formulações acima descritas atualizam um enunciado que se revela por meio da regularidade marcada pela repetição de características físicas centradas no corpo, que revelam o caráter



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

moral. As regularidades por nós encontradas em nosso corpus nos revela um primeiro enunciado que cliva o sujeito mulher o enunciado da beleza e da virtude: ser bela é ser virtuosa.

Assim, essas formulações trazem como interdiscurso um retorno de enunciado do discurso religioso e filosófico, que só autorizam o sexo para as mulheres após o casamento. Mas, a cada acontecimento de seu retorno o enunciado não se mostra do mesmo jeito, ele toma um novo significado ao ser investido pelos poderes da instituição que o autoriza ser dito. A interdição do sexo fora do casamento, exclusiva para as mulheres para os gregos, aparece estendia para os homens, na bíblia, investindo esse enunciado de outros poderes de controle que incidiram sobre a mulher enquanto sujeito. Como vemos materializado nas formulações abaixo que pertencem ao I coríntios. Carta na qual Paulo aconselha os fiéis a doutrina cristã como se comportarem frente aos desejos carnis, e o casamento. Nessa passagem ele se refere à mulher virgem e ao homem, dizendo que melhor seria que ela permanecesse desse modo, mas se se casarem, pois melhor é casar do que cair em pecado, eles não estariam cometendo pecado, mas se caíssem na tentação da carne sim:

(...) quanto às virgens, não tenho mandamento do Senhor; dou porém, o meu parecer, como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel. Acho, pois, que é bom, por causa da instante necessidade, que a pessoa fique como está. Estás ligado a mulher? Não procures separação. Estás livre de mulher? Não procure casamento. Mas, se te casares, não pecastes; e, se a virgem se casar, não pecou. Todavia estes padecerão tribulação na carne e eu quisera poupar-vos. (BIBLIA DE JERUSÁLEM, p. 1471).

Desse modo, entendemos que a descrição da beleza das mulheres como lugar de virtude é feita segundo uma enumeração de elementos que reproduzem ditos de outros lugares. Por isso, dizemos que a ordenação: corpo, olhos cabelo marcam uma regularidade, ou seja, é algo que se repete dentro de diferentes



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

modos de enunciação, ou seja, em diferentes discursos a descrição da beleza da mulher segue um mesmo modelo. Assim, seguindo os moldes de Foucault, buscamos encontrar uma unidade dentro das dispersões, unidade essa que regula um discurso, no caso a unidade é a o encadeamento das características físicas ligadas ao caráter que ordena o enunciado do: ser bela é ser virtuosa.

O discurso religioso não só possibilita a exigência da beleza física da mulher enquanto virtude, mas o antecipa. Uma vez que na bíblia já encontramos o materializado o enunciado da bela e virtuosa. Demonstraremos esse relação de memória por meio das descrições feitas nos contos e nos Cânticos dos Cânticos 4, para mostrar regularidades no encadeamento das características. As formulações que se seguem são parte da descrição das mulheres e o louvor da beleza das mesmas. Como a repetição nas descrições das personagens dos contos já foi realizada, para que se tornar muito repetitivo não traremos trechos da descrição de todas as personagens, traremos formulações dos diferentes contos e contraporemos com formulações do livro bíblico, a fim de mostrar que as descrições fazem emergir o mesmo discurso: ser bela é se virtuosa. No cântico dos cânticos se diz: “Como és formosa, amada minha, eis que és formosa!”, em nosso corpus encontramos: “. “Era já uma deliciosa mulher”; “Havia em Cadiz uma donzela— linda”, assim se inicia a descrição da beleza da mulher, depois se segue a enumeração dos atributos que compõem essa beleza. Como já dissemos, os olhos e também o cabelo são ornamentos que evidenciam a beleza: Em Cânticos: “ Os teus olhos são como pombas por detrás do teu véu; o teu cabelo é como o rebanho de cabras que descem pelas colinas de Gileade.”, em nosso corpus: “olhos azuis, dando uma encantadora expressão de ternura a sua face(...). Mas o que a tornava mais bela, o que constituía o seu maior encanto, eram os cabelos cor de ouro, longos e finíssimos (...) um grande manto tecido de raios de sol” ; “o olhar ardente entre o desdém dos cílios (...) linda nas suas cores puras e acetinadas, nos cabelos negros”. Como podemos ver, nos exemplos expostos, os olhos são descritos como doces e amáveis, calmos, meigos nos quais se mostram o caráter terno e amável, bem como a submissão esperada das mulheres para com Deus e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

com maridos. Os cabelos são longos e bem arrumados lembrando os véus que cobrem a cabeça das santas e são colocados como a mais bela característica da mulher.

Mais acima citamos que a pele branca era o elemento que produzia a ligação entre beleza e a virtude, pois, a pele branca doentia, refletia o enclausuramento das moças, a boa educação, que consistia em a moça não se expor ao sol, ou seja, a visão pública. Ser branca era um quesito da beleza. Entretanto, encontramos uma contradição, tanto nos cânticos, quanto em um de nossos contos, a mulher é bela, mas é morena: “Eu sou morena, mas formosa, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão”; “uma donzela— linda daquele moreno das Andaluzas”. Vemos que a contradição se faz porque uma condição para que a mulher seja bela, pela branca doentia, não é cumprida, como então, a educação da mulher será atestada? Para que a mulher seja atestada como virtuosa e logo bela. A não exposição do rosto da mulher ao público, o que assegura sua virtude é composta por um elemento a inserção do véu, as mulheres morenas velam seus rostos, assim, o educação não é marcada na cor pele, mas em um objeto que deixa o rosto guardado: “Os teus olhos são como pombas por detrás do teu véu”; “linda daquele moreno das Andaluzas que não ha vê-las sob as franjas da mantilha acetinada”. O véu serve então como um elemento que marca a educação feminina, uma mulher para ser virtuosa deve permanecer guardada sua beleza não deve ter sido contemplada. E essa manutenção da virtude é marcada em nosso corpus pela cor da pele, ou pelo véu. Ambos os elementos indicam que a mulher é pura, ou seja, casta. Assim: diz o cântico: “Tu és toda formosa, amada minha, e em ti não há mancha”. O enclausuramento pelas paredes, ou pelo véu materializa, algo já exposto por Foucault (1984), outro sempre ai no que concerna a construção da subjetividade da mulher. O fato dela não ter domínio sobre si, ela está sempre sobre a tutela de um homem. O primeiro seu pai, que a educa e esconde da vida, que depois a entrega ao esposo, que terá domínio sobre ela após o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

casamento. Deste modo, a pela branca e o véu que são garantias da beleza da mulher e de sua pureza, rememoram o saber que é comum aos gregos de que a mulher não pode estar desvinculada do domínio do homem. Assim, uma mesma verdade é retomada, mas o sentido de que a esposa não é objeto de desejo é apagado, emergindo a posição de sujeito da mulher enquanto objeto de desejo. Vemos, então, que essa posição de sujeito marca uma descontinuidade entre os saberes. Entre os discursos que circulam sobre a mulher enquanto sujeito de sexualidade para os gregos e para o século XIX.

CONCLUSÕES

Desse modo, colocamos que o que se espera de uma mulher enquanto sujeito no referido século, e que está materializado em nosso *corpus*, é que ela seja uma esposa. Ou seja, a mulher para alcançar o status de sujeito deve ao ser clivada pelo saber religioso e biológico, ser reta em sua moral e, portanto bela e ter a capacidade de reproduzir.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. A causa secreta: ASSIS, Machado de. *Volume de contos*. Rio de Janeiro :Garnier, 1884a. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>.

AZEVEDO, Alúcio de. *O esqueleto: O mistério da casa de Bragança*. Livraria Martins, SP, 1961.

AZEVEDO, Álvares de. *Noite na taverna*. Porto alegre: L&PM, 2011.

Bíblia de Jerusalém. 4ª ed. Editora Paulus, 2002.

FOUCAULT, Michel, O que são as luzes?. In. FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Michel Foucault; (Ditos e escritos. volume II) Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Malta; tradução: InêsAutran DouradoBarbosa. -2ª.ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008. p 365 -351.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

_____. Arqueologia do Saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M (1983). O sujeito e o Poder. In Rabinow, P e Dreyfus. *Foucault, Uma Trajetória Filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis. Vozes. 1987.

_____. *Historia da sexualidade 3: O cuidado de si*. 9ª Ed. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *Historia da sexualidade 2; o uso dos prazeres*. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *Historia da sexualidade 1; a vontade de saber*. 13ª Ed. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. O nó discursivo entre corpo e imagem. Intericonicidade e brasilidade. In: TFOUNI, L, V; CHIARETTI, P; MONTE-SERRAT, D, M(orgs). *A análise do Discurso e suas interfaces*, São Carlos, Editora Pedro e João, 2011b (no prelo).

MILANEZ, Nilton. A possessão da subjetividade Sujeito, Corpo e Imagem. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos. (Org.). *Sujeito e subjetividade: Discursividades Contemporâneas*. 1 ed. Uberlândia: UFU, 2009a, v. 1, p. 281-300.